
As novas tendências na teoria social contemporânea. Uma introdução

Bianca Freire-Medeiros e Diogo Silva Corrêa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/11056>
DOI: 10.4000/rccs.11056
ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2020
Paginação: 71-76
ISSN: 0254-1106

Refêrencia eletrónica

Bianca Freire-Medeiros e Diogo Silva Corrêa, « As novas tendências na teoria social contemporânea. Uma introdução », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 123 | 2020, posto online no dia 15 dezembro 2020, consultado o 17 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/11056> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.11056>



BIANCA FREIRE-MEDEIROS, DIOGO SILVA CORRÊA

As novas tendências na teoria social contemporânea. Uma introdução

Em que medida a teoria social contemporânea, ancorada no patrimônio intelectual que a sustenta, é capaz de reinventar tal legado, reformular referências e problematizar as questões do seu próprio tempo? Com essa indagação no horizonte, o presente dossiê reúne um conjunto de cinco artigos que se ocupam de mapear, em suas origens e impactos, algumas das novas tendências de um fenômeno de distinção próprio às ciências sociais e às humanidades da segunda metade do século XX e início do XXI: *as viradas epistêmicas* (ou *turns*, na designação anglo-saxônica).

Desde o anúncio da *virada linguística*, feito pelo filósofo Richard Rorty em 1969, somos testemunhas de uma profusão desnordeante de novos *turns* (cultural, interpretativo, pragmático, ontológico, afetivo, etc.) e *studies* (culturais, pós-coloniais, de gênero, *queer*, entre vários outros). O impacto dessa profusão é relevante por si só, seja ela interpretada como resultado de modismos intelectuais de superfície ou, ao contrário, como um conjunto genuíno de abalos sísmicos provocados por mudanças paradigmáticas. Isso porque as *viradas* são, a um só tempo, expressões de insatisfação com as diretrizes epistêmicas vigentes, de aparição de novas tendências na paisagem do campo intelectual das ciências humanas e testemunhos de uma *libido sciendi* disposta a compartilhar de um (novo) solo comum de questões, definições e categorias interpretativas.

Se a história das ciências sociais e humanas pode ser lida como um cruzamento entre suas análises do presente, suas interpretações do passado e suas perspectivas para o futuro, a referência integrada a esses diferentes marcos temporais depende de categorias classificatórias para tornar-se inteligível. Embora tal lógica de classificações aproximativas e distintivas, i.e., de modos de agrupar e de distinguir pessoas, épocas e orientações intelectuais a partir de um traço, uma ideia ou uma imagem, possa ser tomada como uma propriedade formal inerente à vida coletiva, os modos pelos quais essa lógica opera são historicamente variáveis. Atentos às molduras ou categorias

espaço-temporais que interceptam a cognição e indo além de uma narrativa de superações, tantas vezes presente em “balanços do campo” nos quais uma *virada* aparece como que uma evolução epistemológica em relação à anterior, os colaboradores deste dossiê logram recuperar de maneira crítica pressupostos, conceitos, diagnósticos e recursos de imaginação que, em cada giro, pretenderam fundar novas inteligências e princípios de inteligibilidade a respeito do *social*.

É desse modo que o artigo de Adelia Miglievich-Ribeiro, intitulado “A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças”, abre o dossiê e explicita, de maneira incontornável, a necessidade de atenção aos constrangimentos geohistóricos que informam cada nova guinada epistêmica. Se leituras críticas apontam, não sem razão, que a missão de tomar os textos em sua materialidade, para desconstruí-los interna e formalmente, teria levado muitos pós-coloniais a negligenciar as dimensões afetiva e moral da colonialidade, Miglievich-Ribeiro busca justamente demonstrar que, ao projeto epistemológico da *virada pós-colonial*, corresponderia o que a socióloga denomina de “conhecimento-testemunho”. Construída a partir da experiência do colonialismo-racismo que a atravessa, essa proposta de desvelamento do mundo escaparia da oposição entre centro e periferia, racionalidade e afetos. E é aí, desde um lugar de afeto e da experiência vivida e corpórea, que a autora revisita as contribuições de Frantz Fanon e Edward Said, convencendo-nos de que as questões que os animaram nas primeiras horas do gesto pós-colonial não apenas seguem pulsantes, mas são capazes de contaminar positivamente outras guinadas epistêmicas (com destaque para a *virada afetiva*) interessadas em criar outros registros intelectuais para dar conta de fenômenos, relações, processos e estruturas de longa duração.

Em “Os estudos críticos da religião e do secularismo: virada ou paradigma?”, artigo seguinte deste dossiê, Bruno Reinhardt sobrevoa a recente virada crítica ocorrida nos estudos da religião e do secularismo. Partindo da erudita e complexa obra de Talal Asad, Reinhardt aterrissa no campo de reação à virada secularista que, desde ao menos a famosa assertiva de Max Weber, manteve-se hegemônica nos estudos da religião. É assim que ele propõe um estudo comparativo que coloca em simetria os secularismos existentes no Ocidente, questionando se essa reviravolta pós-secular que redefiniu, no campo acadêmico, o lugar e o papel da religião é uma autêntica “mudança paradigmática” ou uma mera “virada”.

Bianca Freire-Medeiros e Mauricio Piatti Lages, em “A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções”, escrutinam um dos giros mais recentes, que emerge no bojo das reflexões sobre a chamada globalização. Ainda que reconheçam a pluralidade de perspectivas teóricas e filiações disciplinares

dos autores que compõem o giro móvel, Freire-Medeiros e Lages optam por tomar o *new mobilities paradigm*, mais especificamente as teorizações do sociólogo britânico John Urry, como plataforma de observação e referência analítica. A vastíssima obra de Urry é organizada e perscrutada a partir da tríade fluxos, fixos e fricções, o que lhes permite confrontar a percepção equivocada de que à *virada das mobilidades* corresponderia uma ontologia do social, constituído apenas por circulações em rede, sempre ininterruptas ou destituídas de fronteiras materiais e simbólicas. O que está em jogo, segundo os autores, é uma ontologia que identifica as mobilidades socioespaciais, atravessadas por desigualdades de várias ordens, como pedra angular da existência no mundo contemporâneo e da qual deriva uma crítica ao sedentarismo epistêmico e metodológico. O artigo encerra com uma breve reflexão que nos ajuda a situar o contexto de produção deste dossiê: o cenário de propagação do coronavírus SARS-CoV-2 em escala global, ele mesmo um ponto de inflexão tanto nas formas de concebermos e narrarmos o presente, quanto nas possibilidades de definirmos parâmetros político-normativos a respeito do futuro.

Em “O antinarciso no século XXI – A questão ontológica na filosofia e na antropologia”, artigo assinado por Diogo Silva Corrêa e Paula Baltar, os autores expõem o que há de propriamente comum à recente retomada do conceito de ontologia na filosofia e na antropologia contemporâneas. Eles assumem a hipótese de que é possível vislumbrar uma direção “antinarcísica” em tal retomada e entendem que, tanto no caso do realismo especulativo na filosofia quanto da virada ontológica na antropologia, haveria uma busca obsessiva por uma alteridade radical – seja pela tentativa epistêmica de capturar o mundo ou a realidade para além (ou aquém) do humano, seja pelo esforço sistemático de explorar e conferir um estatuto ontológico às formas de vida ou metafísicas de coletivos não ocidentais. Corrêa e Baltar também salientam, na conclusão, que a busca por essa alteridade radical – a de que o conceito de ontologia vem para servir como um operador conceitual importante – serve, ao fim e ao cabo, como um dispositivo para a filosofia e a antropologia se colocarem permanentemente em questão.

O último artigo “A virada praxiológica”, de autoria de Gabriel Peters, revisita de maneira extremamente criativa uma das *viradas* mais estabelecidas e ecoantes do campo das ciências sociais. A partir da noção de “galáxia praxiológica”, o autor traça uma certa genealogia que recupera tanto as influências filosóficas que sustentam a centralidade epistemológica dada à noção de prática, quanto identifica aqueles que seriam os atributos centrais da praxiologia, i.e., os sete postulados que Peters usa como fio condutor para a elaboração de um panorama dos giros teóricos internos à própria

virada praxiológica. Apesar de sensível às variações internas (ou mesmo *subviradas* dentro da virada praxiológica), o artigo de Peters sustenta a tese segundo a qual as teorias de tonalidade praxiológica se ancoram todas em uma ontologia processual que concebe o mundo social como um fluxo ininterrupto de práticas.

Uma leitura que tome os artigos do presente dossiê em conjunto permitirá perceber pelo menos duas características dos giros epistêmicos que marcam as ciências sociais e humanas. A primeira refere-se ao ritmo, por assim dizer, dessas reflexões: menos do que de movimentos pendulares, as *viradas (turns)* são feitas de turbulências, fricções, dissonâncias, tensões, cada uma fomentando e expondo reviravoltas (*returns*) internas, que podem ser menos ou mais disruptivas. Se toda virada nasce de uma insatisfação, ela própria, ao propor um novo programa ou conjunto de conceitos, produz novos problemas e reações. A segunda característica refere-se às mudanças de sensibilidade intelectual sinalizadas pelas *viradas*, que desembocam em inquéritos não apenas *interdisciplinares*, mas também incluem no seu escopo reflexões críticas acerca da “disciplinaridade” mesma dos saberes modernos. O que significa dizer, em outros termos, que toda virada é, de forma mais ou menos explícita, um gesto reflexivo sobre o próprio campo do qual ela parte e para o qual ela se volta criticamente.

Além dos cinco artigos, o dossiê conta ainda com duas resenhas e um texto na seção Espaço Virtual. Vinícius Mendes faz uma leitura crítica da coletânea *New Approaches to Latin American Studies*, organizada por Juan Poblete e publicada em 2018, em que pelo menos uma dezena de *viradas* são examinadas sob as lentes dos estudos latino-americanos e testadas em relação às demandas cognitivas e anatomias próprias daquela região. O livro mais recente de Robin Celikates, *Critique as Social Practice: Critical Theory and Social Self-Understanding* (2018), é objeto da análise fina de Pedro Grunewald Louro, que recupera a obra *vis-à-vis* os dilemas analíticos enfrentados pela Teoria Crítica nos dias atuais. Atento às viradas internas à Teoria Crítica, Louro aponta para o modo como Celikates oferece uma consistente alternativa para a famosa antinomia entre crítica interna e crítica externa ou, no caso do contexto francês, entre sociologias que procuram arrogar para si a tarefa de produção da crítica à dominação social e sociologias *da* crítica, isto é, que delegam e tomam as operações críticas dos atores como objeto de análise.

Por fim, Marília Bueno apresenta, na seção Espaço Virtual, o “Blog do Labemus – Laboratório de Estudos de Teoria e Mudança Social”, um projeto colaborativo que tem como proposta promover diálogos interdisciplinares e diversificados, publicando artigos, traduções e resenhas, entre outros,

das mais diversas áreas de ciências humanas. Incluindo comentários mais abrangentes sobre o lugar que o *blog* ocupa no cenário intelectual brasileiro, Bueno apresenta este portal como uma plataforma que tem como proposta primordial contribuir para a difusão e democratização do acesso ao conhecimento teórico, ao mesmo tempo em que dá lugar a conteúdos que fogem ao modelo dos rígidos sistemas das tradicionais revistas e periódicos acadêmicos.

Como um todo, o presente dossiê espera ser capaz de fomentar tanto uma revisão crítica dos pressupostos teórico-normativos e instrumentos analíticos das ciências sociais quanto oferecer novos horizontes interpretativos que, oxalá, sejam capazes de nos auxiliar no trato com as novidades e diferenças próprias do mundo contemporâneo.

Revisto por Ana Sofia Veloso

Bianca Freire-Medeiros

Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
Avenida Prof. Luciano Gualberto, 315 – sala 1057, Prédio de Filosofia e Ciências Sociais,
Cidade Universitária – Butantã, 05508-010 São Paulo, Brasil
Contacto: bfreiremedeiros@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3121-7897>

Diogo Silva Corrêa

Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade de Vila Velha
Av. Comissário José Dantas de Melo, 21, sala 8, Prédio da Biblioteca, Boa Vista – Vila Velha ES,
CEP 29102-920, Brasil
Contacto: dioscorrea@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5519-6985>
